

# A atualidade da autobiografia

Elizabeth Muylaert\*

## RESUMO

Este artigo pretende tratar da escrita autobiográfica como uma questão a um só tempo ofuscada e renovada pelas discussões desenvolvidas pela crítica contemporânea. Buscou-se situar não apenas alguns dos argumentos mais importantes relativos à crítica da autobiografia tradicional, como também alguns temas que permitem renovar este gênero literário.

Palavras-chave: autobiografia; subjetividade; crítica contemporânea.

## SUMMARY

*This article intends to consider autobiography as a literary genre that has been de-authorized and, at the same time, revitalized by contemporary criticism. The article discusses not only some of the most relevant critical arguments against traditional autobiography but also some themes that promise the renewal of such literary genre.*

*Keywords: autobiography; subjectivity; contemporary criticism.*

## RESUMEN

*Este artículo busca plantear la escrita autobiográfica como una cuestión a un tiempo turbada y renovada por las discusiones desarrolladas por la crítica contemporánea. Se ha buscado situar no sólo algunos de los argumentos más importantes respecto a la crítica de la autobiografía tradicional, como, asimismo, algunos temas que permitan renovar este género literario.*

*Palabras-clave: autobiografía; subjetividad; crítica contemporánea.*

A questão da autobiografia mostra-se hoje como que fundada num curioso paradoxo: é precisamente numa época de ocaso do sujeito-autor - que cede o seu lugar, enquanto instância originária do sentido, a uma fragmentação política, social, lingüística, racial, sexual, etc., que agora ocupa o “lugar” de toda significação - que se percebe, numa escala sem precedentes, uma exposição pública do falar-de-si, disseminado em vários planos narrativos que, para além da forma tradicional do livro autobiográfico, atravessa os *talk shows* televisivos, as edições especiais de entrevistas com desportistas, artistas, modelos, políticos, etc. Poderíamos neste sentido, e ainda que de um modo provisório, antecipar a seguinte afirmação: ao se organizar em função do sujeito, categoria que em nossa época é posta radicalmente em xeque, a narrativa autobiográfica acaba por se constituir, e este é o seu paradoxo atual, como um traço cada vez mais característico e definidor de nosso tempo.

Este artigo tem por objetivo traçar as linhas gerais sobre a questão autobiográfica no espaço aberto pela crítica literária. Na contemporaneidade, observa-se o esgotamento da escrita autobiográfica tradicional naquilo que constitui os seus elementos fundamentais. Sem querer esgotá-los, tais elementos podem ser sintetizados em pelo menos quatro itens: 1) cada indivíduo possui um *eu* único e auto-idêntico; 2) a crença numa “humanidade” que ao mesmo tempo reúne e diferencia os indivíduos. Participante de uma mesma “humanidade”, cada *eu* mostra-se suficientemente estranho para mostrar-se como um outro, mas suficientemente familiar para que sua mensagem chegue aos outros *eus*; 3) a suposição de uma exterioridade mútua entre o *eu* e a linguagem. Esta última serviria como meio de expressão e transmissão do sentido das experiências vividas anteriormente à sua representação lingüística; 4) o caráter de exemplaridade inerente, de uma maneira ou de outra, ao sentido das experiências transmitidas, que, deste modo, pretendem ter uma validade universal.

De fato, estes aspectos que formam a base de sustentação da narrativa autobiográfica tradicional, consagrada com as *Confissões* de Rousseau, já não se sustentam mais após os diversos níveis de questionamento, que podem ser pensados em pelo menos três domínios.

Num plano que poderia chamar de *histórico-político*, tanto numa perspecti-

va marxista quanto numa perspectiva desconstrucionista, a autobiografia mostra-se como suspeita de substancializar o próprio sujeito autobiográfico. Trata-se aqui do sujeito isolado, auto-idêntico e presente a si mesmo, origem criadora e organizadora da sua própria narrativa que se apresenta como simples projeção de uma ideologia da liberdade legitimadora do sujeito empreendedor tipicamente burguês. Nas palavras de Robert Smith, este sujeito da autobiografia constitui, “uma abstração, ou transcendência e, portanto, deve ser ressituated em sua base material onde ele não está mais isolado, mas, ao contrário, opera problemáticamente dentro de uma ordem social heterogênea.” (1995, p.56) Deste modo, a auto-suficiência de uma subjetividade narradora de si mesma cederia lugar às determinações concretas das formas materiais da vida social na qual ela se insere.

Em uma perspectiva de inspiração desconstrucionista, o argumento que Julia Watson desenvolve em *Toward an Anti-Metaphysics of Autobiography* (1993, p.57) problematiza o componente *bio* de autobiográfico. Aqui *bio*, antes de se referir à vida humana em geral, converge para enfatizar o *status* social e cultural, não significando, portanto, a auto-identidade do autor, mas sim uma certa tradição à qual este autor pertence e da qual recebe o direito de escrever sobre a sua vida. Assim, a autobiografia não seria senão uma reflexão retrospectiva que nos informaria sobre a grandeza legitimada de uma pessoa pública, em outras palavras, sobre uma vida “especial”, que vale a pena ser contada. A vida que assim se auto-representa pela narrativa autobiográfica é, por definição, como diz Watson, “... aquela que entrou para a história e é portanto ‘digna’ de ser lida e imitada”. (Idem, p.58) Neste sentido, Watson evidencia que o próprio termo perde a sua pretensa neutralidade e abriga, necessariamente, um preconceito: autobiografia, numa palavra, não é simplesmente a narrativa da vida escrita por quem a viveu, mas, antes, a narrativa que consagra, ou mesmo impõe, um modelo de vida que vale a pena ser contada.

Numa dimensão *filosófica*, o que foi dito acima pode ser situado numa perspectiva inaugurada por Nietzsche, que invalida a idéia da subjetividade como uma instância autônoma e homogênea. Nas palavras de Françoise Lionnet: “Privilegiar a subjetividade autônoma ou a escrita original enquanto *locus* do autêntico eu é um modo de ignorar que a subjetividade (e a escrita) encontra-se sempre e já preenchida pelas vozes dos outros...”. (1991, p.68) Não se trata mais da impermeável auto-identidade do *eu* consigo mesmo, mas de uma dinâmica e ininterrupta exposição ao Outro – linguagem, inconsciente, ideologia etc. Esta questão da alteridade como componente inseparável do *eu* é amplamente desenvolvida por Jacques Derrida. Derrida fornece um modelo partido de auto-referência em lugar da concepção metafísica de uma auto-referência transparente e homogênea do sujeito consigo mesmo. Segundo ele, a

alteridade se inscreve no coração do sujeito. Quando o sujeito afirma algum sentido para si e para outros isto já implica uma estrutura de recepção. Geoffrey Bennington nos ajuda a compreender este argumento: quando digo *eu sou*, este enunciado tal “como um outro enunciado qualquer... deve poder ser compreendido na minha ausência e depois da minha morte. ...O sentido mesmo de um enunciado como ‘eu sou’ é perfeitamente indiferente ao fato de eu estar vivo ou morto, de ser um robô ou um ser humano.” (1996, p.83) Mas, ao contrário do que poderíamos pensar a princípio, a alteridade aqui em questão não é aquela do sentido em si do enunciado que, de fato, pré-existe e é independente do sujeito. Isto porque o próprio sentido, por sua vez, não existe em si mesmo, mas somente como o resultado ou o efeito de um jogo de diferenças, onde a palavra *eu* só tem um significado na medida em que difere de todas as outras palavras que não ela, o mesmo valendo para a palavra *sou* e para o sujeito do enunciado que, em sua singularidade, difere de todos os outros sujeitos etc. Este jogo ininterrupto de diferenças, jogo sem fim que Derrida chama de *différance*, que sequer é alguma coisa, é a alteridade radical inseparável de todo sujeito e de todo sentido. Assim sendo, a idéia de uma referência a si, embutida no *auto* de autobiográfico, não poderá mais ser pensada nos termos da identidade do *eu* consigo mesmo. Por se constituir sempre no jogo de diferenças, toda identidade é sempre “impura”.

No plano da *linguagem*, esta questão da alteridade se associa intimamente com a questão da representação, da mediação lingüística do *eu* consigo mesmo. O que se expressa na linguagem nunca diz respeito ao conteúdo acabado de uma vivência pré-lingüística, cujo sujeito, apenas em um momento posterior, lançaria mão da linguagem para manifestá-la. De fato, não há como se pensar em um *eu* que não seja, desde sempre, constituído pelo próprio universo lingüístico no qual habita. Assim, “...o próprio ‘eu’, indispensável para o autobiógrafo, é impedido de referir-se a um sujeito ou a qualquer coisa que não seja o seu próprio posicionamento diacrítico em uma cadeia de significantes.” (Smith, 1995, p.58)

Em seus vários níveis, o pensamento contemporâneo, no que diz respeito à questão autobiográfica, descartou a possibilidade de um horizonte comum de valores e práticas como princípio de nossa orientação no mundo; “... a sociedade pós-moderna”, afirma Steven Connor, “compreende uma multiplicidade de jogos de linguagem, diferentes e incompatíveis, cada qual com seus próprios princípios intransferíveis de auto-legitimação.” (1996, p.33) Em nosso tempo, o comércio simbólico entre os indivíduos estaria pautado pela confluência de múltiplos registros, como se percebe na explosão de novas formas de comportamento ligadas à identidade racial, sexual, religiosa, etc.,

ao feminismo, à globalização de modelos estéticos, à redefinição do político, à profunda transformação dos costumes, da estrutura familiar, da moral etc.<sup>1</sup> Luis Carlos Fridman descreve de forma sintética este quadro fragmentado da subjetividade contemporânea. “No individualismo pós-moderno de todas as conexões do ser, os ‘certificados de existência’ se diluem. A vida torna-se errática pela multiplicidade e pela fluidez, o eu se despedaça nas redes de comunicação, os indivíduos sentem-se investidos de solicitações bizarras na tarefa de inventarem a si próprios, a plasticidade e o pastiche incorporam-se às maneiras de viver, estilos se confundem com as ofertas mais recentes do universo das mercadorias, a unidade se desfaz no descarte sucessivo de intensidades momentâneas e os estados de ansiedade se acumulam. (...) A identidade, sob a marca da transitoriedade, nunca se completa.” (2000, p.65)

Nesta nova configuração, a autobiografia mostrar-se-ia como uma questão inteiramente anacrônica. Sua lógica de universalizar as vivências individuais de grandes nomes chega até nós como o eco de uma tradição já combalida pelo declínio daquilo que constituía sua força motriz; precisamente, a subjetividade como centro organizador e transmissor de experiências.

Qual seria então a pertinência de se indagar sobre o lugar do autobiográfico na produção das narrativas contemporâneas? Haveria ainda uma atualidade do autobiográfico? Em que consistiria o momento da experiência vivenciada pelo sujeito heterogêneo, não idêntico a si mesmo? Em que bases se estabeleceria o novo pacto entre autor e leitor, após o abalo do campo homogêneo de práticas e valores em que transcorria o comércio simbólico entre os indivíduos? Como se daria a nova correlação entre transmissão e recepção do sentido? Ou será, como suspeitamos, que a própria idéia de uma tal correlação já não pode mais oferecer nenhum modelo apropriado capaz de dar conta da nova dinâmica de produção e circulação de sentido?

Poderia aqui adiantar, de forma resumida, o seguinte argumento: ao ter os seus pressupostos tradicionais invalidados, a escrita autobiográfica, ao invés de se tornar uma relíquia, se abre a novas possibilidades de reconceitualização. Talvez seja até mesmo possível afirmar que a associação entre narrativa autobiográfica e auto-identidade do *eu*, associação esta apoiada no pensamento metafísico, barra o acesso para se pensar, em sua característica mais essencial, o fenômeno autobiográfico. Isto quer dizer que a escrita sobre o *eu* não repousa, como quer o modelo tradicional do *auto* da autobiografia, na estrutura homogênea, transparente e auto-idêntica, da relação do eu consigo mesmo. Isto porque a relação a si, o *auto* propriamente dito, mostra-se agora como que necessariamente atravessada pelo interminável jogo de diferenças a que nos referimos anteriormente (diferença deste *eu*, que agora escreve sobre si mesmo,

com relação a todos os outros *eus*, diferença do seu nome próprio com relação aos outros nomes próprios, diferença do *eu* com o seu próprio nome, diferença do *eu* autor com relação às suas vivências passadas que ele, enquanto escritor, representa pela mediação da linguagem, diferença entre os significantes que se relacionam entre si na construção de um sentido, diferença do sentido que, ao pretender ser a expressão das vivências passadas do *eu* que narra, não é, evidentemente, uma reduplicação, mas sim uma alteração delas, diferença do sentido com relação a toda uma ordem extra-texto de interesses, influências e projeções por parte do autor etc.).

Mas aqui surge uma nova questão: se todo este jogo de diferenças se aplica ao *eu* da narrativa autobiográfica, o mesmo não se aplicaria a qualquer coisa referida em qualquer tipo de narrativa, e não apenas a autobiográfica? É o que constata Candace Lang: “*Autobiography is indeed everywhere one cares to find it*”. (1982, p.6) Numa palavra, antes de expressar o universo fechado em si mesmo de vivências subjetivas, a autobiografia revela-se agora como um traço característico de toda inscrição de sentido, falada e/ou escrita. Sendo assim, a própria delimitação específica de um gênero literário autobiográfico tornar-se-ia problemática, para não dizer inviável.

### Algumas questões norteadoras

A insistência na autobiografia enquanto gênero literário não deixa de encontrar motivos que a legitimem. Talvez o mais evidente deles diga respeito à reconfiguração do “político” no quadro da condição fragmentada da subjetividade contemporânea. De uma maneira geral, é possível entrever uma distinção entre a experiência tradicional e a experiência contemporânea de narrar a si mesmo. No primeiro caso, trata-se de um movimento retrospectivo de se reportar às experiências passadas que dão sentido a uma vida narrada no momento presente. No segundo, apesar dos traços inevitavelmente retrospectivos da narração de eventos passados, tal narrativa mostra-se impulsionada por um movimento prospectivo em direção à atualização de possibilidades ainda não realizadas por uma auto-identidade sempre em devir. Aqui não se narra o que já se é, mas o que se poderá ser. É o que, por exemplo, quer dizer Ramón Saldívar na seguinte passagem: “...devido à sua ligação fundamental com temas relativos ao eu e à história, ao eu e ao local, não é surpreendente que a autobiografia seja muitas vezes a forma assumida pelas histórias das consciências emergentes de raça, etnia e gênero nos Estados Unidos e em outros lugares.” (1985, p. 25)

Poderia se falar, portanto, sobre a dimensão do autobiográfico enquanto potencial de estratégias de repolitização de práticas cotidianas. Neste sentido, o discurso autobiográfico torna-se um traço expressivo da

nossa época. As novas formas do falar-de-si, provenientes do atrito imediato de vozes que se chocam no espaço social, reúnem vivências compartilhadas por vários indivíduos, não mais expressando a interioridade de uma vida subjetiva. Assim, por exemplo, em *The Heart of a Woman*, acompanhamos o esforço de Maya Angelou em articular a sua vivência com o espaço que a cerca. A reconstrução da sua experiência se dá através de um diálogo com as imagens e estereótipos que orientam e reduzem as suas escolhas – assim como as escolhas das mulheres negras norte-americanas de sua época. A perspectiva tomada por Angelou se subtrai ao testemunho denunciativo – não lemos a saga da mulher negra, mãe solteira e pobre que destila o seu ressentimento contra a sociedade que a marginalizou. Tampouco a autora pretende escrever uma história edificante da mulher exemplar, batalhadora, que enfrenta o “sistema” que a exclui. A sua história é reconstruída através da interrogação sobre a construção dos valores sociais e culturais que promovem e perpetuam a sua exclusão. Desta forma, ela situa o seu texto – e o das “minorias” a que pertence – na perspectiva do jogo de forças econômicas, sociais e políticas e busca negociar um novo espaço dentro da cultura dominante. Diferentemente da narrativa tradicional, a subjetividade da narradora não reivindica para si uma experiência cujo sentido se apresenta ao leitor como um ensinamento moral, uma orientação ou enriquecimento espiritual: Angelou não expressa um fragmento de um patrimônio espiritual comum aos indivíduos mas, ao contrário, procura articular o seu texto a partir das condições imediatas da sobrevivência social.

A autobiografia se inscreve aqui como documento de uma consciência cultural e é sem dúvida aí que encontramos um dos motivos para abordá-la enquanto fenômeno literário. Neste sentido, ela pode ser pensada não como a expressão da capacidade do sujeito de dispor de si mesmo, mas sim de uma falta de poder do sujeito que encerra, contudo, uma positividade. É que esta falta de poder não diz respeito a um estado de impotência pura e simples, mas antes a um movimento de transição de um estado de exclusão para a afirmação de sua força diferencial.

Com relação a este potencial de transformação política, Fredric Jameson desenvolve um argumento que, embora voltado para a narrativa testemunhal, pode ser aplicado também à narrativa autobiográfica; segundo ele, haveria uma despersonalização, ou retorno ao anonimato, inerente à narrativa que circunscreve a auto-consciência de um grupo social. Contudo, não se trata, com tal despersonalização, de uma perda da personalidade, mas sim de uma afirmação de múltiplas identidades pessoais: “O termo anonimato não significa aqui, assim, a perda da identidade pessoal, do nome próprio, e sim sua multiplicação; não mais a média sociológica ou exemplo sem rosto ou o mínimo denominador comum, mas sim a associação de um indivíduo com uma pluralidade de outros nomes e indivíduos concretos.” (Jameson, 1994, p.108)

Reunimos até aqui alguns elementos que julgamos fundamentais para a tematização da escrita autobiográfica à luz das questões postas pela crítica contemporânea.

## Notas

<sup>1</sup> Ainda neste mesmo registro, caberia situar aqui a importância da noção de “corpo”, que vem redimensionar a idéia de sentido, cuja idealidade deixa de ser transparente para se mostrar como sempre encarnada na opacidade de um corpo; seja o corpo que diz sobre a condição da mulher, sobre os homossexuais que reivindicam reconhecimento for a do “patológico”, sobre os negros que exigem seu direito de inserção e participação na vida político-social, etc.

## Bibliografia

- ANGELOU, Maya. *The Heart of a Woman*. New York: Random House, 1981.
- BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- DERRIDA, Jacques. Roundtable on autobiography. In: *The Ear of the Other*. The Johns Hopkins University Press, 1985.
- FRIDMAN, Luis Carlos. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contem porâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- LANG, Candance. Autobiography in the Aftermath of Romanticism. In: *Diacritics*. The Johns Hopkins University Press, winter, 1982.
- LIONNET, Françoise. *Autobiographical Voices: Race, Gender, Self-Portraiture*. Cornell University Press, 1991.
- McHALE, Brian. Postmodernism, or the Anxiety of Master Narratives. In: *Diacritics*, The Johns Hopkins University Press, spring 1992.
- SALDÍVAR, Ramón. Ideologies of the self: Chicano autobiography. In: *Diacritics*, The Johns Hopkins University Press, autumn 1985.
- SMITH, Robert. *Derrida and Autobiography*. Cambridge University Press, 1995.
- VILLAÇA, Nizia. Dessubjetivação e Contemporaneidade. In: *Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad/CNPq, 1999.
- WATSON, Julia. Toward an Anti-Metaphysics of Autobiography. In: *The Culture of Autobiography: constructions of self-representation*. Ed. Robert Folkenflik. Stanford University Press, 1993.